

TIBURTINA DE ANDRADE ALVES: (RE)LEITURAS DAS POSSIBILIDADES DE SER MULHER EM MONTES CLAROS NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX POR MEIO DA IMPRENSA

*Maria de Fátima Gomes Lima do Nascimento**
*Filomena Luciene Cordeiro Reis***

Resumo: Montes Claros, cidade localizada no norte de Minas Gerais, organizava um Congresso do Algodão e Cereais em 1930, cuja divulgação, em especial nos jornais locais, circulava com informações sobre o evento. No entanto, esse momento foi palco de um acontecimento que mobilizou a cidade e a política nacional. Um tiroteio, revelando hostilidades entre as facções políticas locais, mas de âmbito estadual e nacional, se interpõe no meio do caminho. Ressaltamos que, o vice-presidente da República, Mello Vianna, estava presente e se encontrava inserido no tumulto, agravando, ainda mais, o movimento entre conservadores e liberais. Foi nesse conflito que emergiu a figura de uma mulher, Tiburtina Andrade Alves. Nesse sentido, o objetivo desse artigo é ocasionar (re)leituras das possibilidades de ser mulher em Montes Claros na primeira metade do século XX por meio da imprensa e da atuação de Tiburtina Andrade Alves. Para tanto, as fontes de estudo constituíram, sobretudo de jornais, contando também com entrevistas e livros de memorialista e cronistas, visando entender esse episódio e o papel da mulher na política e na sociedade. A imprensa constituiu como fonte e metodologia de

¹ Doutorado em História na Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. Mestre em História pela Universidade Severino Sombra (2004). Graduada em História pela Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes (1987). Professora assistente do Departamento de História da Unimontes, pesquisadora dos temas: política, Tiburtina, Montes Claros, representações, sertão e violência.

² Doutorado em História pela Universidade Federal e Uberlândia (2013) e Mestrado em História pela Universidade Severino Sombra (2005). Possui graduação em História pela Universidade Estadual de Montes Claros (1994), pós graduação *lato-sensu* em Ciências Sociais pela Unimontes e Gestão da Memória: Arquivo, Patrimônio e Museu pela Universidade do Estado de Minas Gerais. Professora do Departamento de História da Unimontes. Tem experiência na área de História e Arquivo, atuando principalmente nos seguintes temas: historiografia, cidade, memória, patrimônio cultural, arquivo.

pesquisa e a história oral, a possibilidade de outras memórias sobre o assunto.

Palavras-chave: História Política, Cultura Política, Imprensa, Mulheres, Montes Claros.

Abstract: Montes Claros, a city located in the North of Minas Gerais, organised a Congress of cotton and Cereals in 1930, the disclosure, especially in local newspapers, circulated with information about the event. However, this moment was the scene of an event that mobilized the city and national policy. A shoot-out, revealing hostilities between local political factions, but statewide and nationally, stands in the way. We emphasize that the Vice President of the Republic, Mello Vianna, was present and inserted in the turmoil, worsening even more the movement between conservatives and Liberals. That was the conflict that emerged the figure of a woman, Tiburtina Andrade Alves. In this sense, the objective of this article is cause (re) readings of the possibilities of being a woman in Montes Claros in the first half of the 20th century by means of the press and the performance of Tiburtina Andrade Alves. To this end, the study sources constituted mainly of newspapers, counting also with interviews and books of memoirist and chroniclers, in order to understand this episode and the role of women in politics and in society. The press constituted as a source and methodology of research and oral history, the possibility of other memoirs on the subject.

Keywords: political history, Political Culture, Press, Women, Montes Claros.

Resumen: Montes Claros, una ciudad situada en el norte de Minas Gerais, organizó un Congreso de algodón y cereales en 1930, la divulgación, especialmente en los periódicos locales, circularon con información sobre el evento. Sin embargo, este momento fue el escenario de un evento que movilizó a la ciudad y la política nacional. Un tiroteo, revelando las hostilidades entre las facciones políticas locales, sino estatal y nacional, se interpone en el camino. Hacemos hincapié en que el Vicepresidente de la República, Mello Vianna, estuvo presente e insertado en la agitación, empeorando aún más la circulación entre conservadores y liberales. Eso fue el conflicto que surgió la figura de una mujer, Tiburtina Andrade Alves. En este sentido, el objetivo de este artículo es causa (re) lecturas de las posibilidades de ser mujer en Montes Claros en la primera mitad del siglo XX por medio de la prensa y la actuación de Tiburtina Andrade Alves. Con este fin, las fuentes de estudio constituyen principalmente de los periódicos, contando también con entrevistas y libros de memoirist y cronistas, para poder entender este episodio y el papel de la mujer en la política y en la sociedad. La prensa constituida una fuente y metodología de la investigación y la historia oral, la posibilidad de otras memorias sobre el tema.

Palabras clave: historia política, Cultura política, Prensa, Mujeres, Montes Claros.

Introdução

Montes Claros estava organizando um Congresso do Algodão e Cereais em 1930 que foi meticulosamente planejado. Sua divulgação pelos meios de comunicação, principalmente através dos jornais, teve início no mês anterior à realização, janeiro de 1930. O jornal “*Gazeta do Norte*” foi o seu maior divulgador e, ao mesmo tempo, formador da opinião pública, quando fazia veicular manchetes sobre o assunto. Divulgações como essa colocavam a opinião (Concentração Conservadora) em confronto e dava-lhe argumento para hostilizar a Aliança Liberal, impondo à sociedade quase uma obrigatoriedade de votar a favor dos conservadores. Além desse tipo de divulgação, a “*Gazeta do Norte*” também satirizava as candidaturas com um humor muito apimentado ao gosto do freguês, quando traziam em primeira página:

O Nosso Cemitério tem dois Candidatos a Coveiro: - Naturalmente o Sr Olegário será escolhido como “o de Conciliação”; “A farandula do ‘rancho liberal’”; “O ‘Liberalismo’ estado de sítio de Minas Gerais”; “Bernardes ‘estrillou’ porque a sua casa foi vigiada. Pensaria, mesmo, que pimenta só arde em boca alheia?! ...”; “quem foi que disse que Prestes não prestava”; brada o Getúlio, empós da “ponte” por onde passará com a ... bagagem ...”; “Quem ameaça a ‘Gazeta’ sabe, demais, que assim como não fomos ovelhas ‘Liberas’, não nos deixamos matar como carneiros! (GAZETA DO NORTE, [jan. 1930?]).

Por estas manchetes, percebemos que, em janeiro de 1930, o clima já era bastante hostil, os ânimos estavam acirrados e o confronto parecia quase inevitável. Percebemos também pelas manchetes que as disputas políticas entre conservadores e liberais davam-se a níveis federal e estadual e que as questões locais eram secundárias e usadas para inflamar a sociedade.

Em Montes Claros, nos meses antecedentes ao Congresso do Algodão e Cereais, a vida político-social apresentava-se tranqüila, com exceção das notícias que veiculavam, longe de qualquer suspeita, que levassem ao clima de intolerância e violência, ocorrido na noite de 06 de fevereiro de 1930 e, muito menos, ao de uma intervenção do Estado de Minas Gerais, em consequência dos acontecimentos aqui desencadeados.

A sociedade montes-clarenses daquele momento ainda não bebia desta ou daquela ideologia. Só se percebia que havia divergências partidárias porque o jornal “*Gazeta do Norte*” colocava em evidência as duas facções aqui existentes - Honoratistas (Liberais) e Camillistas (Conservadores) - e fomentava a opinião pública com questões nacionais que atingiam as questões locais, como: “Continua o aviso na Collectoria Estadual: Ainda não chegou dinheiro”. Espere o professo-

rado pela vinda de Melo Vianna” (GAZETA DO NORTE, 4 jan. 1930, p. 1). Assim, o público que lia, que era a minoria, percebia as divergências.

Conservadores e Liberais locais só se sentiram divididos quando os objetivos do Congresso do Algodão e Cereais tornaram-se evidentes e aproximava-se a data de sua realização. Maurício relata que esse movimento:

Chega-se, sem muito esforço, à conclusão de que o Congresso de Algodão e Cereais, não passaria de um Congresso político que teria um único fim – dar uma demonstração de força eleitoral numa terra onde a Concentração Conservadora não contava talvez, nem mesmo com os votos dos membros do seu comitê da propaganda. Fins econômicos a reunião de Montes Claros não teria. Mesmo porque ninguém de boa fé poderia admitir que os Srs. Melo Vianna e Carvalho Brito fossem fornecer elementos para desenvolvimento de uma indústria que, embora incipiente (Fábrica de Algodão Santa Helena) estava nas mãos dos seus adversários (MAURÍCIO, 1986, p. 58).

A narração de Maurício dá-nos uma boa imagem de como a política praticada em Montes Claros não seguia um direcionamento fiel às convicções ideológicas¹, nem estava amarrada ao poder central.

Após os preparativos para o Congresso, no dia anterior à chegada da comitiva de Mello Vianna e Carvalho Brito, tudo ainda parecia calmo, até o momento em que Moacir Dolabella Portella foi procurar Alfredo de Sousa Coutinho, Presidente da Câmara Municipal para a recepção da comitiva e, segundo consta, “(...) seu convite [foi] rejeitado por todas as pessoas de representação social e política da cidade” (MAURÍCIO, 1986, p. 58).

A partir de então, as divergências tornaram-se óbvias e Dolabella Portella foi preparar a recepção à altura da “eminência” que Montes Claros iria receber. A oralidade afirma que no dia da chegada da comitiva à cidade, ela tornou-se patrulhada pelos jagunços de Granjas Reunidas² pertencentes ao anfitrião, o que causou susto e temor aos liberais.

Ao sair de Belo Horizonte, a comitiva de Mello Vianna e Carvalho Brito parou nas principais estações da linha férrea: Santa Luzia, Sete Lagoas e Corinto para encontrar correligionários e fechar acordos. Depois seguiram para Granjas Reunidas para um almoço e encontro com a segurança, que posteriormente foi reconhecida como jagunços³ disfarçados de acompanhantes da comitiva.

¹ Ver ideologia em: MANNHEIM, Karl. *Ideologia e utopia*. 4 ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986

² Atualmente é a Cidade de Engenheiro Dolabella.

³ Ver sobre jagunços em: FACÓ, Rui. O despertar dos pobres do campo. In: *Cangaceiros e fanáticos: gênese e luta*. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S/a, 1965. p. 59-76.

O Tiroteio e sua Repercussão

A chegada a Montes Claros, no dia 06 de fevereiro, ocorreu por volta das 23:00, na Praça da Estação, onde a Concentração Conservadora encontrou, além de correligionários, a “segurança” e curiosos que esperavam pela passeata e o desfile da comitiva. A recepção foi em clima de festa e logo saíram em passeata.

O roteiro havia sido planejado para passar pela avenida Francisco Sá, porém, à altura da rua D. João Pimenta, a comitiva foi desviada, entrando por esta rua, rumo à Praça, onde morava o líder aliancista, Dr. João José Alves. Conta testemunha ocular, Avilmar Mário Rosa, em entrevista no dia 17 de julho de 2004, que o desvio foi intencional, por trás do objetivo de saudar Dr. João Alves. Havia por parte da comitiva um ar de provocação e demonstração de força. Segundo as testemunhas, “vivas” e “mortas”, foram refrãos declamados por ambas as partes e, nesse clima de hostilidade, uma bomba explodiu em meio à multidão, acertando justamente Dr. João Alves que se encontrava na porta de sua casa, saudando a comitiva. Após a explosão, começou um tiroteio vindo de ambas as partes, que atingiu tanto conservadores quanto liberais, num clima de violência sem precedentes. Cessado o fogo cruzado, havia um saldo de seis mortos e dezenas de feridos.

O vice-presidente da República, Mello Vianna, e o chefe da Concentração Conservadora, Carvalho Britto, nada sofreram fisicamente. Tudo saiu como havia planejado Carvalho Britto para que se estabelecesse um confronto entre conservadores e liberais, motivo necessário para a intervenção federal no Estado de Minas Gerais, como narra Aurino Morais em “Minas na Aliança Liberal e na Revolução de 1930”:

O Sr. Carvalho Brito entendeu de tirar do trágico acontecimento os melhores resultados para a sua causa. Simulou o plano de uma emboscada, um ataque premeditado à pessoa do Vice-Presidente da República pelos liberais. Um crime político. Eis o que lhe ocorreu. Daí este seu primeiro telegrama ao Ministério da Justiça, apontando logo e exclusivamente como ferido o Sr. Melo Viana, e não mencionado outras vítimas. (...) Como providência inicial, para que seu plano desse resultados, trancou, imediatamente, por intermédio do Sr. Raul Mata Machado, as estações telegráficas do Correio Nacional e da Central do Brasil, sendo então transmitidos unicamente os originais que tivessem seu visto, ainda que assinados pelo Sr. Melo Viana. Esta arbitrariedade foi sempre afirmada com escândalo pela imprensa, e não pôde nunca ser desmentida. Não haviam, entretanto, sido publicadas as provas deste abuso, o que fizemos agora, reproduzindo os numerosos despachos, todos inéditos (MORAIS, 1933, p. 197-8).

Após o episódio, Montes Claros teve as estradas e os meios de comunicação bloqueados. A notícia oficial do incidente foi dada a Minas Gerais, em especial a

seu Presidente, Antônio Carlos, pelo Ministro da Justiça, Vianna de Castro, via telegrama, onde exigia entre outras, providências contra a “emboscada” ocorrida em Montes Claros e assegurava-lhe que, caso nada fosse feito, haveria uma intervenção federal no Estado. Em resposta ao telegrama, o Presidente Antônio Carlos dirigiu ao Ministro da Justiça, resumidamente, as seguintes palavras:

Belo Horizonte, 10-02-1930

Senhor Ministro Vianna de Castelo – Rio

Acuso recebido o telegrama em que V. Excia. me dá conhecimento de que designou um representante do Ministério Público Federal para, com as garantias necessárias, acompanhar; por parte do Governo Federal, o inquérito e todas as diligências a que meu governo mandar proceder para completa averiguação da verdade. Em execução da ordem de V. Excia. acaba de chegar a esta capital o Dr. Luiz Galotti, procurador da República no Distrito Federal, que, após me haver oficialmente comunicado a missão de que está encarregado, partiu para Montes Claros. Sendo de interesse capital para o Governo de Minas a apuração das responsabilidades para a punição dos culpados, só tenho motivos para bem acolher toda a coadjuvação para que se lance ampla luz sobre os acontecimentos. Comunico a V. Excia. que sobre os fatos estão iniciados inquéritos nesta capital e em Montes Claros, sem embargo das dificuldades que têm sido criadas ao meu Governo pela Repartição dos Telégrafos e pela Estrada de Ferro Central do Brasil (...) que persiste em dificultar embarque de forças para aquela região, apenas se dispondo a tender a requisições para o máximo de quatro praças. Muito agradeceria a V. Excia. sua intervenção no sentido de fazer cessar essa anomalia, que embaraça ao governo mineiro o exercício das suas funções constitucionais. Desse livre exercício depende a prestação das garantias necessárias, a que se refere o seu telegrama, as quais, em regime normal, constituem atribuição exclusiva e dever elementar dos Governos Estaduais (...) Aprecia-me comunicar a V. Excia. que, excetuando o conflito de Montes Claros, reina em todo o Estado completa paz, inclusive em toda a região norte-mineira, onde está situada aquela cidade. (...) De minha parte, continuo no desígnio, que sempre me animou, de empreender intransigentes esforços no sentido de que a atual campanha política, na qual só me inspiram princípios e nenhuns interesses, decorra em ambiente de perfeita ordem.

(...)

Atenciosas saudações.

Antônio Carlos Ribeiro de Andrada,
Presidente do Estado de Minas Gerais (MAURÍCIO, 1986, p. 86-89).

Pela resposta do Presidente Antônio Carlos, percebemos que o clima entre Minas e o governo federal era tenso e que os acontecimentos de Montes Claros, como previa a Concentração Conservadora, afloraram os ânimos e impulsionou os dis-

curso, no meio político e na imprensa, acerca da intervenção federal em Minas Gerais.

A tensão foi aumentada, principalmente após o deslocamento de parte do 10º Regimento de Infantaria da 4ª Região Militar de Juiz de Fora para Montes Claros, realizado pelo governo federal com o objetivo, segundo ele, de proteger o procurador da República, Luis Gallotti.

Assim, o tiroteio de Montes Claros foi apenas um dos pretextos que a Concentração Conservadora instigou para concretizar a intervenção em Minas Gerais, promover a campanha eleitoral de Júlio Prestes e Mello Vianna e tirar as pretensões de Antônio Carlos do caminho do Catete. Um tiroteio que foi posteriormente descrito, principalmente pelos jornais aliados à Concentração Conservadora, como uma “tocha de bugres”, ou “tocha sinistra dos liberais”.

Manchetes de jornais que construíram as representações do 06 de fevereiro de 1930 e de Tiburtina

Várias foram as versões construídas acerca desse episódio em Montes Claros, no entanto, o que nos interessa nesse momento é pensar as representações edificadas acerca da figura de Tiburtina de Andrade Alves⁴.

Terminada a noite de 06 de fevereiro de 1930, os meios de comunicação, principalmente os jornais locais, estaduais e nacionais, aliados à Concentração Conservadora, iniciaram uma verdadeira “guerra” de palavras contra Montes Claros. Periódicos cariocas como “*O Paiz*” e “*O Jornal*” estampavam sempre em primeiras páginas, manchetes como:

O INNOMINAVEL ATTENTADO DE MONTES CLAROS

Nem só a nação, pelos seus mais lídimos interpretes, mas até representantes de paizes estrangeiros nesta capital profligam a brutal chacina. O grande comício de protesto promovido pela maioria das forças políticas do Distrito. O Sr. vice-presidente da República continua a melhor. Outros informes (*O PAIZ*, 10-11 fev. 1930, p. 1).

A força federal garantia os amigos em emergência – diz o Sr. Carvalho Britto, em telegramma circular, aos seus correligionários – Ainda os lamentáveis sucessos de Montes Claros (*O JORNAL*, 12 fev.1930, p. 1).

⁴ Ver sobre essas versões em: NASCIMENTO, Maria de Fátima Gomes Lima do. *Tiburtina de Andrade Alves: entre as relações de poder e as representações sociais de uma mulher (Montes Claros na primeira metade do século XX)*. 2004. 199 f. Dissertação (mestrado em História) – Universidade Severino Sombra, Vassouras, 2004.

Tomando como proposição a manchete principal “O INNOMINAVEL ATTENTADO DE MONTES CLAROS”, observamos que, por seu próprio sentido, o título sacramentou uma imagem de Montes Claros como uma cidade sem qualificação, sem lei, sem justificativa para os acontecimentos, imperdoável, enfim, revoltante. Completada por manchetes secundárias, quando afirmam “Nem só, a Nação, pelos seus mais lídimos interpretes, mas até representantes de paizes estrangeiros nesta capital profligam a brutal chacina” (O PAIZ, 10-11 fev. 1930, p. 1), sugerindo com o complemento que, aqueles que aqui estiveram foram vítimas de um atentado que não tem qualificação, nem nomeação.

Essa imagem lembrada pelo enunciado já era o interdiscurso vivido por Montes Claros, nas décadas de 1910 e 1920, portanto, para a cidade só confirmavam as divergências político-sociais aqui existentes, mas, ao mesmo tempo, possibilitava ao seu leitor entender, segundo Orlandi, “(...) que os sentidos não estão só nas palavras, nos textos, mas na relação com a exterioridade, nas condições em que eles são produzidos e que não dependem só das intenções do sujeito” (ORLANDI, 1982, p. 30). Assim, o enunciado sugeria que ao “atentado” de Montes Claros, a sociedade deveria abominar e descarregar a “violência” contra seus acusados.

Para completar essa imagem, “O Paiz” publicou em sua edição do dia 12 de fevereiro o longo telegrama enviado a ele pelo Dr. Fortunato Bulcão, de onde destacamos os seguintes trechos:

A **emboscada**”, a **traição**, a **chacina**, deixavam-nos a certeza do que estaria reservado aos nossos companheiros e amigos, se mais tempo ousassem permanecer; (...) Pudéssemos reforçar o ânimo de nossa gente, arriscado de abater-se diante do **terrorismo cangaceiro**; (...) não evitou a passagem em frente da casa do Dr João Alves, ponto escolhido e preparado com todos os requintes do **banditismo**, para a miserável “**emboscada**”. São bastantes conhecidos os famosos antecedentes de Dr João Alves e da **fera humana que é a sua mulher Tiburtina**, para não ousarem sequer correr o risco de qualquer provocação (...); (...) Não passam de falsidades que no dia imediato à **chacina** ouvi em Montes Claros, **combinadas com outras de invenção de Tiburtina**, que formava o enredo de mentiras (...) (O PAIZ, 12 fev. 1930, p. 1).

Nos trechos destacados, reforçam a matriz de sentido que apresenta a cidade de Montes Claros como violenta, traidora e assassina, reafirmam a manchete do dia anterior, incitaram a sociedade a condenar os acontecimentos ocorridos em 06 de fevereiro e lembraram o “perigo” que a cidade representava, tomando a palavra “**terrorismo cangaceiro**” forma de exclusão e aversão aos aliancistas e suas práticas políticas. Mostra que Bulcão voltou a reiterar a violência, desta vez com o propósito de atribuí-la àqueles que a Concentração Conservadora consideravam os

seus maiores e mais ferrenhos adversários e também construir a imagem de Tiburtina como: “**fera humana**”, “**mentirosa**”, “**mexeriqueira**”. Termos que passaram a representá-la no imaginário social como “bandida”, “víbora”, “sanguinária” e responsável pela “emboscada”; ligando-a a imagem de “**Eva**”, descrita por Joan Scott como: “Eva e Maria como símbolo da mulher, por exemplo, dentro da tradição cristã do Ocidente – mas também os mitos da luz e da escuridão, da purificação e da poluição, da inocência e da corrupção” (SCOTT, 1990, p. 14).

Sendo assim, atribuir a Tiburtina a “emboscada” e construir as representações dela descritas no parágrafo anterior foi a forma encontrada por seus adversários políticos para eliminá-la e excluí-la do cenário político, campo que até o presente momento (06 de fevereiro de 1930) historicamente sempre havia pertencido aos homens fazendo-se notar que eles consideravam esse campo, “(...) a atividade que se relaciona com a conquista, o exercício, a prática do poder (...)” (REMOND, 1996, p. 444). Além disso, tornava-se também uma forma de desqualificar os aliancistas e, principalmente João Alves, por ter como cabeça uma mulher.

Portanto, construir uma Tiburtina devassa significava tirar do caminho dos conservadores, uma mulher; o grupo que vinha a algum tempo governando Montes Claros; acabar ou diminuir o prestígio dos Alves e, acima de tudo, não dividir espaço político com os “novos” grupos que emergiam no momento, no cenário nacional, estadual e local, as camadas médias e urbanas que se apresentavam como ameaça ao conservadorismo até então existente. Dessa forma, as representações de Tiburtina foram construídas num momento histórico crucial da História do Brasil, marcada pelas transformações político-sociais, reivindicadas desde o início da República, mas, que só foram tomando corpo e delineando mudanças a partir da década de 1920, por meio de mobilizações como afirma Milton Lahuerta (1997, p. 93). Mobilização que atingiu também cidades interioranas como Montes Claros e, a fez crescer e desenvolver, como relata o jornal “*Gazeta do Norte*”:

“Notas aos fatos”

Montes Claros, ao passo que progride materialmente, como disso dão testemunho todos quantos aqui chegam e principalmente aqueles que a conheceram anos atrás, também progride intelectualmente de modo a poder ser considerada, sem favor, no numero das cidades civilizadas do grande *Estado de Minas*.

Montes Claros já possui uma mocidade que vibra pelas causas nobres, que se apaixonou pelos grandes ideais, que não se deixa levar pelo utilitarismo da época.

É assim que compreendemos o espírito dos moços; é assim que nos satisfaz a mocidade: ativa e generosa, impulsiva e dedicada às causas justas.

Ai dos lugares em que a mocidade não age e queda-se indiferente, atola no

pântano dos interesses egoísticos; ai dos lugares em que ella não vibra ante acontecimentos que revelam força e autoritarismo!

É a mocidade, em toda a parte do mundo, nos grandes centros, quem impulsiona os grandes movimentos cívicos; são os moços das escolas que assumem sempre as mais perigosas posições de combate nos momentos mais críticos, quando a Patria corre perigo.

Já assistimos, nos bellos tempos academicos, verdadeiras e brilhantes victorias contra a força e a prepotência, e a lição que desses acontecimentos nos ficou, nos tem valido como ensinamento.

Nesses bellos tempos não havia ligas pró ou contra magnatas políticos, apesar de existirem homens cujos nomes figuram brilhantemente nas paginas de nossa Historia Patria. Havia o entusiasmo da mocidade pelas boas causas e a ellas se dedicam os moços com verdadeira idolatria.

Nesse tempo todos os grandes acontecimentos encontravam eco no coração da mocidade, fazendo-lhe explodir a alma de moços e collocando-os ao lado das causas sagradas, onde se aprendia a cumprir o dever de honrar a Patria, pela realisação de actos que não eram senão o cumprimento de um dever cívico (GAZETA DO NORTE, 10 ag.1923, p.1).

Por esse discurso, “(...) a gênese do Brasil moderno” (LAHUERTA, 1997, p. 93) tinha chegado a Montes Claros e seus efeitos tinham elevado “(...) o pathos de ruptura, trazendo à tona novos atores e a problemática dos direitos e da participação” (LAHUERTA, 1997, p. 93). Assim, Tiburtina era um ícone de mudança na ordem estabelecida dentro da esfera político e social da cidade e, portanto, para a Concentração Conservadora. Era fundamental sua exclusão do grupo político a que pertencia, para que as novas idéias aqui não proliferassem, nem contaminassem seu reduto, ameaçado desde o ano de 1922, “(...) identificado com a ruptura com o padrão cultural bacharelesco vigente” (LAHUERTA, 1997, p. 94).

Nessa perspectiva, Tiburtina também emerge como novo sujeito político, não mais ligado apenas aos setores conservadores e à elite, dando lugar a uma “História vista de Baixo”, ora preocupada com as grandes massas anônimas, ora preocupada com o “indivíduo comum” (...) ⁵, o que significava para elite política e econômica local “perder” o espaço político e submeter as decisões à “raia miúda”, até então, controlada pelas velhas oligarquias estaduais e federais.

Com relação ao enunciado “(...) ‘A força federal garantirá os amigos em qualquer emergência’ - diz o Sr. Carvalho Britto, em telegramma circular, aos seus correligionários. Ainda os lamentáveis successos de Montes Claros” (O JORNAL, 12 fev.1930. p.1), verificamos que, o termo “força federal” já traz em si a

⁵ Ver sobre esse assunto em: BARROS, José D’Assunção. História Política e História Social. In: *O Campo Histórico*. Rio de Janeiro: Celta, 2002.

postura que Carvalho Britto tomaria referente aos acontecimentos de Montes Claros, principalmente se alguém ousasse interferir nas averiguações criminais que pudesse demandar. Remetia ainda, o lugar que Carvalho Britto ocupava nos órgãos governamentais, o poder e o prestígio que gozava no momento, levando em consideração que, a ele tudo era permitido, inclusive usar a “força”, que traz como matriz de sentido a imagem do medo, da repreensão, da prisão, da lei.

Reforçando esta manchete, o jornalista Barbosa de Melo, correspondente do jornal “*A Noite*”, de Recife, testemunha ocular do acontecimento a serviço da Concentração Conservadora, publicou um longo relato sobre o mesmo. Nele, o referido jornalista afirma que: “(...) eliminar a segunda autoridade da República” (A NOITE, 08 fev. 1930, p.1) era o objetivo da “emboscada” e que os responsáveis diretos eram “[o] conhecido facínora João José Alves e sua mulher Tiburtina, em cujo subconsciente, segundo Freud, devem atuar dez gerações de bandidos” (A NOITE, 08 fev. 1930, p.1).

Nesse relato, percebe-se que Barbosa de Melo foi enfático quanto ao objetivo do tiroteio e à responsabilidade do mesmo; e que, ao nomear Tiburtina e João José Alves como responsáveis, procurou construir uma matriz de sentido, a rigor, psicologicamente forte para consolidar não só a eles como “bandidos”, mas às gerações que deles descendessem. Assim, dificilmente teria outras “Tiburtinas” e, muito menos, confrontos políticos advindos de “Evas” e de classes menos favorecidas, como os trabalhadores urbanos, que questionavam a política vigente e sua condução e procurava de certa forma lutar contra o conservadorismo existente.

Conclui-se, portanto, que as representações de Tiburtina, construídas por Barbosa de Melo, intencionavam desestruturar a campanha liberal em Minas, especialmente na região Norte, onde a Aliança Liberal contava com grande prestígio e apoio político, junto aos grupos locais e regionais, provenientes dos vários momentos em que os liberais estiveram à frente do poder e da sociedade, representados pelos irmãos Dr. Honorato Alves e Dr. João José Alves, com a aprovação incondicional de Tiburtina e da sagacidade que ela possuía no trato com as questões político-sociais.

Dessa maneira, construir no imaginário social uma Tiburtina “bandida”, significava eliminar os adversários políticos da Concentração Conservadora, a representatividade que possuíam junto ao poder local e regional e ainda contribuir para a manutenção da ordem estabelecida. Essa matriz de sentido era constantemente reforçada e colocada a público, pelos jornais locais. A título de exemplo, registramos o artigo “Miséria das misérias, Infâmia das infâmias”, que não só

reafirma a matriz de sentido, como também atribui-lhe a responsabilidade da “chacina”:

Consta-nos e é certo que, abusando da boa fé do povo de Montes Claros andam colhendo assignaturas de solidariedade com o sr. João Alves e sua mulher, d. Tiburtina. Assignem á vontade, bajulem a seu gosto, certos de que a gente limpa, a gente nobre, a gente digna da cidade de Montes Claros recusará sua assignatura ao ignóbil papelucho e considerará co-responsaveis e cúmplices da hedionda chacina do dia 6 todos aquelles que por covardia, por bajulação ou por outros sentimentos de baixeza e vilania o assignarem, pois não ha quem não saiba que o sr. João Alves e sua mulher são os principaes responsáveis pelo nefando attentado que maculou para sempre a historia desta cidade (GAZETA DO NORTE, 22 fev. 1930, p.1).

Pelo tipo de discurso usado no artigo acima, notamos a adoção de uma mesma postura dos vários jornais (*O Paiz*, *O Jornal* e *O Gazeta do Norte*) aliados à Concentração Conservadora em responsabilizar o casal Dr. João José Alves e Dona Tiburtina de Andrade Alves pela chacina, denegrindo de modo incisivo a figura enérgica, tenaz e determinada da referida senhora para hostilizar a Aliança Liberal e, em consequência, intervir em Minas, sem a reprovação de seus adversários e da sociedade que, de maneira geral, era incentivada a repudiar o acontecimento de 06 de fevereiro, através da imprensa escrita.

As Representações Jornalísticas de Tiburtina ao Longo do Tempo

Analisar representações é um trabalho que requer do pesquisador uma boa dose de conhecimentos epistemológicos, mas, mesmo com tamanha exigência, não significa que ao longo de uma pesquisa ele não venha deparar com surpresas e que não tenha que utilizar novos conhecimentos e conceitos teórico-metodológicos. A análise de representação aqui traz como significado “(...) fazer presente alguém ou alguma coisa ausente, mesmo uma idéia” (FALCON, 2000, p.45), expressão que define bem nesse texto o sentido de “representação”, presente nas fontes; as mesmas foram agrupadas por décadas para uma melhor compreensão do sentido de encenação do acontecimento do 06 de fevereiro de 1930 e das “representações” de Tiburtina ao longo do tempo.

Na década de 1930, após o dia 06 de fevereiro, as representações que encontramos, tanto em relação aos acontecimentos, quanto à Tiburtina, foram demasiadamente cheias de rancores políticos e de incitação à violência, principalmente depois do pleito de 01 de março, como atestam as declarações do jornal “Gazeta do Norte”, anunciando um dos resultados parciais da eleição com a manchete principal – “Resultado da eleição, conhecido até agora, em todo o Brasil: Júlio Prestes 1.093.000 X Getúlio Vargas 716.000” (GAZETA DO NORTE, 15 mar. 1930, p.1)

– e com a manchete secundária – “Candidato de jagunços”:

Para se ver que os jornaes officiosos do governo de Minas estão fazendo conta de chegar e somando a vontade os resultados do pleito federal para deputados naquelle Estado, basta uma circunstância:

- Entre os mais votados do setimo districto, occupa primeiro logar o snr. Honorato Alves.

Esse cavalheiro, sempre foi uma das figuras mais apagadas da bancada mineira.

A sua notoriedade é recente. Conquistou – a elle com a chacina de Montes Claros. É irmão do snr. João Alves e cunhado da exma. Snra. Tiburtina, mandantes do morticínio que tanto enxovalhou a civilização mineira.

Chefe político situacionista de Montes Claros, onde sempre apóia as truculências de seus parentes e tendo agora seu nome envolvido nos acontecimentos últimos, é fóra de duvida que o eleitorado do setimo districto lhe não daria seus votos, pois que os mineiros, a despeito da influencia nociva do snr. Antônio Carlos, ainda conservam suas virtudes e caráter (GAZETA DO NORTE, 15 mar. 1930, p.1).

Por essa declaração, compreendemos que, desde a manchete principal, a palavra “resultado” trazia como matriz de sentido o arrego da vitória e sua “representação” denotava para a Aliança Liberal a perda do poder político e do descrédito social a nível nacional. Representação que, aliada a questões locais, como o acontecimento de Montes Claros, demonstrou para aqueles considerados progressistas e liberais mais do que a perda do poder político, a extinção das relações histórico-sociais construídas desde o limiar da República.

Na década acima citada, nossa análise pontuou-se, a rigor, nos jornais publicados até outubro de 1930, quando Washington Luis, foi obrigado a renunciar. A maioria dos memorialistas⁶ locais silenciou quanto ao 06 de fevereiro de 1930. E o jornal “*Gazeta do Norte*” em 06 de outubro foi empastelado, segundo a oralidade local a mando de Dona Tiburtina que não “engolia” o semanário conservador. Com a chegada de Getúlio Vargas ao poder, no final de outubro desse mesmo ano, o referido jornal continuou fechado. No começo do ano de 1931 foi reaberto, mas, continuou em silêncio, quanto aos acontecimentos ocorridos no dia 06 de fevereiro em Montes Claros, no restante da década e na de 1940.

Na década de 1950, as representações de Tiburtina foram construídas por ocasião de seu falecimento em abril de 1955. Traziam como intenção construir uma imagem da mesma adversa àquela até então presente no imaginário social, que a apresentava como “sanguinária”, “pistoleira”, “bandida”. É interessante lembrar-

⁶ Hermes Augusto de Paula, Henrique de Oliva Brasil, Nelson Vianna, Simeão Ribeiro.

mos que, essa mudança de postura com relação às representações também foi fruto de um determinado contexto histórico. Naquele momento, Tiburtina já podia ser vista como um ícone de mudança na ordem estabelecida, na década de 1930, e como portadora de um poder político que antes lhe fora negado, pela condição feminina, e pelo próprio entendimento do político que, conforme enfatiza Francisco Calazans Falcon, “(...) vai compreender (...) não mais apenas a política em seu sentido tradicional mas, em nível das representações sociais ou coletivas, os imaginários sociais, a memória ou memórias coletivas, as mentalidades, bem como as diversas práticas discursivas associadas ao poder.” (CARDOSO, 1997. p. 76). Nessa perspectiva, Tiburtina podia ser vista e representada em manchetes como:

Faleceu D. Tiburtina: Tornara-se famosa pela atuação política na revolução de 1930 (CORREIO DA MANHÃ, 21 abr.1955, s.p.).

[...]

Figura singular da política partidária do Norte de Minas: Faleceu, ontem em Montes Claros D. Tiburtina de Andrade Alves (DIÁRIO DE MINAS, 21 abr.1955, s.p.).

[...]

Unia à bravura os mais nobres sentimentos de generosidade: morreu na madrugada de ontem, d. Tiburtina de Andrade Alves – Uma singular figura de mulher – Expressivas homenagens prestadas naquela cidade á sua memória (O DEBATE, 20 abr. 1955, s.p.).

[...]

Revelou, em toda a longa vida, o animo de luta da mulher mineira: desapareceu aos 82 anos de idade, d. Tiburtina de Andrade Alves – Feriado municipal em Montes Claros – enfermeira do povo, na epidemia de 1918 – Na sua energia se apoiou o PRM, no norte de minas – Espírito combativo e dedicação ao bem público (ESTADO DE MINAS, 20 abr. 1955, s.p.).

Por esses enunciados, confirmamos o poder político que os discursos jornalísticos conferiram a Tiburtina, na perspectiva de Falcon. Tais manchetes denotam que Tiburtina foi uma mulher de notório poder social, que possibilitaram-lhe inúmeras outras representações como as expressas nas citações acima e no pronunciamento do Deputado Federal Sr. José Esteves Rodrigues, na Câmara dos Deputados, como atesta o seu discurso:

EXALTADA EM DONA TIBURTINA AS VIRTUDES CÍVICAS DA BRASILEIRA

Iniciou o prócer pessedista afirmando que dona Tiburtina simbolizava a energia e o civismo da mulher brasileira, conforme dera sobejas provas por ocasião do movimento revolucionário de 1930. Lembrando, a seguir, episódios ligados á campanha desenvolvida, áquela época, pela Aliança Liberal, disse que ela fizera política ao lado de seu marido, João Alves, que, por sua vez, exercera quase todos mandatos públicos, desde a vereança á deputação federal, só abandonando as lutas partidárias quando do desapareci-

mento do companheiro. Mesmo assim, acrescentou o orador: Dona Tiburtina não deixou de interessar-se pelos acontecimentos políticos. Abordou, ainda, o sr. Esteves Rodrigues os acontecimentos históricos de Montes Claros, nos quais esteve envolvido o sr. Melo Viana, afirmando, a êsse propósito, que tais acontecimentos foram deturpados, graças, sobretudo, a uma frase pronunciada, então, por Washington Luiz, que a êles se referira como “tocaia de bugres”. Repondo os fatos nos lugares devidos e restabelecendo a verdade, apontou o orador como fato sintomático o ter saído ferido o dr. João Alves, exaltando, durante êsses episódios, o comportamento sereno e corajoso de dona Tiburtina, que, apesar das notícias alarmantes de que a cidade seria invadida, manteve-se ao lado do esposo, não cedendo aos rogos dos amigos para que se acautelasse.

Concluindo, assinalou o sr. Esteves Rodrigues as virtudes e a personalidade incisiva de dona Tiburtina, que, afirmou, revelou se possuída do mesmo sangue das mulheres dos Bandeirantes (O GLOBO, 22 fev. 1930, s.p.).

Nesse discurso, o deputado supracitado destacou o papel de Tiburtina, lembrando os acontecimentos do 06 de fevereiro de 1930. E, ao fazê-lo, retoma a mesma memória discursiva construída por ocasião da data “(...) tais acontecimentos foram deturpados, graças, sobretudo, a uma frase pronunciada, então, por Washington Luiz, que a êles se referira como ‘tocaia de bugres’ “ (O GLOBO, 22 fev. 1930, s.p.). Representação esta que não possibilitou a instituição de outra realidade sobre Tiburtina e muito menos instituiu outros sentidos no imaginário social sobre os fatos.

Nas décadas de 1960 e 1970, em razão do contexto histórico vivido, os discursos jornalísticos mantiveram as representações construídas por ocasião do 06 de fevereiro de 1930, tanto dos acontecimentos de Montes Claros, quanto de Tiburtina, como podemos verificar na entrevista de José Magalhães Pinto concedida a Assis Chateaubriand, em 1964, lembrando o papel do governo de Antônio Carlos, em 1930:

Eu me lembro do manhoso Antônio Carlos, quando se tratou das consequências da escaramuça de dona Tiburtina Alves, em Montes Claros, no ano de 30.

A nossa guerrilheira sertaneja era luxuriante de imaginação.

Preparou um massacre mó dico, no qual corresse sangue sem morrerem os figurões, que alvejavam os seus bacamartes e clavinotes.

E também os de João Português e Exupério Ferrador.

Trabalho limpo, sobretudo muito limpo.

O que importava era provar isto – que mineiro acuado, dava tiro” (CHATEAUBRIAN, 1 jun. 64).

Por esse discurso, notamos que Magalhães Pinto retoma a memória discursiva existente em Montes Claros e em Minas Gerais na década de 1930, em função

não só do contexto político, mas também de um imaginário de violência atribuído ao Estado e ao povo mineiro, descartando dessa maneira possíveis desentendimentos entre Minas e o governo militar, como havia ocorrido em 1930, entre Palácio da Liberdade e Catete.

Nos anos 1980, com o início de uma abertura política, tanto os acontecimentos de Montes Claros quanto às representações de Tiburtina passaram por uma releitura. Os jornais, principalmente os locais, por ocasião do cinquentenário do 06 de fevereiro de 1930, publicaram inúmeros artigos construindo novas representações sobre os acontecimentos. Dentre os quais, três nos chamaram muito a atenção pela forma peculiar de apresentá-los. O primeiro, publicado pelo “*Jornal do Norte*”⁷, intitulado “O conflito de 6 de fevereiro de 1930”, representa os acontecimentos, levando em consideração a análise de vários escritores⁸ e das testemunhas⁹ presenciais dos fatos, que, segundo o artigo, concluíram, com exceção de Mauro Moreira, Nelson Vianna e Cândido Canela, terem sido os acontecimentos do 06 de fevereiro “(...) um duelo entre a Concentração Conservadora, partido do Governo Federal, e a Aliança Liberal, partido criado pelo Presidente de Minas Dr. Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, mas de âmbito nacional” (JORNAL DO NORTE, 9 e 10 fev. 1980, p.2). Uma representação que até esta publicação vinha sendo atribuída a uma “toçaia”.

O segundo artigo, publicado pelo “*Jornal de Montes Claros*”, com a manchete: “Fernando Gabeira: D. Tiburtina foi a Evita Perón de Montes Claros” (JORNAL DE MONTES CLAROS, 21 fev.1982, p. 4-5), é uma longa entrevista respondida pelo escritor carioca Fernando Gabeira, quando esteve em Montes Claros. Nela, o autor, além de fazer uma retrospectiva de sua vida pessoal e profissional, construiu representações sobre algumas mulheres mineiras, dentre as elas Tiburtina. Dessa entrevista, extraímos os trechos:

⁷ Confira sobre esse assunto em: JORNAL DO NORTE, 09 e 10 de fevereiro de 1980. Caderno 2. p.02. Havia pequenas colisões entre os que escreveram para a história, suas verdades sobre o cantado, o decantado e o desencantado SEIS DE FEVEREIRO. Por exemplo: para Mauro Moreira “o primeiro a ser atingido foi o dr. Fleury Rocha”; para o escritor Nelson Viana: “Cessado o tiroteio, no largo semi-aberto verificou-se que havia um menino morto, na calçada da casa de Dr. João Alves, e para o poeta Cândido Canela: “Ao encostarmos na parede da casa do Dr. João Alves, de frente para a rua, avitei o Fifi em uma janela, pelo lado de dentro. Após o Joãozinho gritar, com a mão no olho, que fora atingido, empurrando os que estavam à sua frente, IMEDIATAMENTE eu e o Darwin entramos para a sala onde Fifi agonizava estendido no assoalho, sendo socorrido, com os miolos expostos”.

⁸ FRANCO, Afonso Arinos de Melo. *Um Estadista da República.*; SILVA, Hélio. 1930 – *A ida.*; ANJOS, Cyro. *A menina do sobrado.*; MOREIRA, Mauro. *Quarenta anos de sertão.*; VIANNA, Nelson. *Efemérides montesclarenses.*; PAULA, Hermes Augusto de. *Montes Claros: sua história, sua gente, seus costumes.*

⁹ CANELA, Cândido. Depoimento; TEIXEIRA, Luiz. Depoimento.

- E Dona Tiburtina, o que foi que lhe despertou?

Eu estava em Belo Horizonte e falei que ia fazer um livro sobre mulheres mineiras. Me disseram então: “você tem que ver a Tiburtina de Montes Claros”. Ai eu comecei a ver o que tinha havido com ela e cheguei no episódio de 6 de fevereiro. Supus que, por baixo da lenda que o episódio despertou, houvesse uma vida de mulher cheia de peripécias, em que as lutas armadas fossem fundamentais. Não é exatamente o que eu supus, mas, eu vim aqui para conferir (...). Ela era uma mulher especial, pois hoje, quando uma mulher fala com franqueza, responde com franqueza, quando é considerada muito audaciosa, muito agressiva, em muitos lugares de Minas falam: “você está parecendo a Tiburtina”. Ela é hoje um símbolo de mulher audaciosa e corajosa.

- Isso não acontecia com as outras?

Cada uma à maneira. Cada uma propondo seu jeito.

- Pelo que você viu até agora sobre Tiburtina, o que havia na cabeça dela, tinha alguma ideologia política?

Tudo indica que ela representa, em Montes Claros, se você analisar no plano nacional, ela representava o aspecto mais progressista, que era da Aliança Liberal. Se você compara Aliança Liberal com Concentração Conservadora, ela e o João Alves representavam, se você analisar sociologicamente, um lado moderno do Brasil, que estava em luta contra o lado antigo, que foi destruído em 1930. Mas, o que eu sinto em D. Tiburtina (...) é uma característica que tiveram também todas as grandes mulheres latino-americanas, esposas dos grandes populistas (...). Ela era uma mulher, trabalhava como enfermeira do marido, atendia os doentes, (...) dava receita, ela dava, às vezes, dinheiro para pagar as receitas, dava comidas para as dietas. Quer dizer, ela funcionava assim como uma mulher populista. Guardadas as proporções, ela era uma Eva Perón, a nível municipal. Mas, acontece que, ao mesmo tempo que la era isso, ela tinha toda essa fama de mulher brava, por que ela era uma mulher franca, destemida, que tinha outras características. Ela não era exatamente uma “Nossa Senhora”, não era um símbolo como Eva Perón, que pudesse ser canonizada depois” (JORNAL DE MONTES CLAROS, 21 fev.1982, p. 1).

Por esse discurso, verificamos que Gabeira, além de construir outras representações de Tiburtina não existentes até o presente momento, a exemplo, a comparação da mesma com “Nossa senhora” e com Eva Perón, construiu uma memória discursiva que possibilitou outros discursos nesse mesmo período, como atestou o artigo de Reivaldo Canela, onde declarou: “Dona Tiburtina, nobre dama que honrou nossa sociedade de antanho” (CANELA, Reivaldo. In: JORNAL DE MONTES CLAROS, 21 fev.1982, s.p.). Uma fala que, segundo o seu próprio autor “só [era] aceita pelos amigos e correligionários, ou por aquele que, indiferentes politicamente a conheciam bem” (CANELA, Reivaldo. In: JORNAL DE MONTES CLAROS, 21 fev.1982, s.p.).

O terceiro artigo foi também publicado pelo “*Jornal do Norte*”, com a manchete “Dona Tiburtina”. Esse discurso construiu, embasado em pesquisas jornalísticas,

representações da sua participação político e social. Nele, o seu redator explorou principalmente a memória discursiva relativa ao 06 de fevereiro, como se verifica no trecho abaixo:

Ela era quase desconhecida antes de 1930, a não ser aqui em Montes Claros. Aquele tiroteio, ocorrido no final da noite de 06 de fevereiro, (...) é que a tornou conhecida até no estrangeiro.

Os jornais e revistas do Rio de Janeiro, a saldo da “Concentração Conservadora”, incumbiram-se de traçar o seu perfil como sendo o de uma mulher carniceira, principalmente “O Malho”, que publicava as caricaturas mais insólitas mostrando-a numa tocaia, de escopeta em mira, tendo ao lado um bernal de farinha com rapadura (JORNAL DO NORTE, 2 e 3 jul. 1983, s.p.).

Tais representações, segundo a Editoria de Pesquisa do referido jornal, marcaram a vida de Tiburtina e construíram uma mulher “muito diferente do seu retrato histórico”. Para justificar seu discurso, argumentou:

A fascinação que dona Tiburtina exercia sobre as outras pessoas não era comum a todas as mulheres. Entrevistando-a, depois daquele tiroteio, um repórter de “O Globo” se extasiou diante dela, escrevendo, dentre outras coisas: “A presença daquela senhora me deixara surpreso (...) Aquela mulher que eu tinha ante os olhos, em atitude de tal energia, me fazia recordar certos personagens de lendas que eu ouvia quando menino...” (JORNAL DO NORTE, 2 e 3 jul. 1983, s.p.).

No artigo, percebe-se ainda que sua intenção era explorar a memória discursiva da mulher benevolente, humana e caritativa, como atesta os trechos:

Além dos dotes próprios de seu coração, ela sofrera a influência irresistível do doutor João Alves, de quem um jornalista nativo dissera “que ninguém resiste à sua fascinação, pois é justo, bom e humanitário, vencendo a golpes de modéstia! Seu nome honra a história de Montes Claros. Ela era a colaboradora de seu marido na Santa Casa, onde passava noites de vigília à cabeceira de uma parturiente pobre. Ao lado da Irmã Beata, praticou a verdadeira caridade, não essa que se vê por aí nas colunas sociais – a do fariseu mencionada por Jesus! (JORNAL DO NORTE, 2 e 3 jul. 1983, s.p.).

Os sentidos produzidos sobre Tiburtina evocavam as imagens de “Maria”, analisada na perspectiva de Joan Scott “(...) como símbolo da mulher (...) dentro da tradição cristã do Ocidente” (SCOTT, 1990, p. 14) – memória discursiva que possibilitou outras análises.

Nos anos 1990, por ocasião do septuagésimo aniversário do 06 de fevereiro de 1930, os jornais, como - “*Jornal de Notícias*”, “*Hoje em Dia*” e “*Jornal do*

Norte” -, representaram os acontecimentos, trazendo como memória discursiva às diversas versões apresentadas pelos memorialistas e pelos discursos jornalísticos, ao longo dos setenta anos desse acontecimento.

O “*Jornal de Notícias*”, nessa comemoração, trouxe como manchete de primeira página “70 anos da Emboscada de Bugres” (JORNAL DE NOTÍCIA, 5 e 6 fev. 2000. p.1), onde representou desde a chamada inicial - “Ao longo dos últimos 70 anos, ouvimos casos e histórias, muitas versões sobre os deploráveis acontecimentos de 06 de fevereiro. Cada um chegou a sua conclusão. Mas os da rua de cima são sempre contrários aos da rua de baixo (...)” (JORNAL DE NOTÍCIA, 5 e 6 fev. 2000. p.2), - às representações construídas pelos discursos jornalísticos daquela noite.

Para fazer tal representação, o mencionado jornal dividiu a manchete em três blocos. No primeiro, com a manchete principal, “70 anos da Emboscada de Bugres”, traz como memória discursiva o acontecimento em si. Para fechá-lo, retorna o sentido do anúncio, com a indagação “Dona Tiburtina e João Alves: heróis ou vilões desta história que não tem enredo certo?” (JORNAL DE NOTÍCIA, 5 e 6 fev. 2000. p.2). No segundo, “Montes Claros ficou no olho do furacão”, reafirma o primeiro e traz como matriz de sentido, incitar a violência e afirmar que os acontecimentos de Montes Claros foram representações construídas pelos discursos dos adversários políticos da Aliança Liberal nacional e local, como atesta o trecho do jornal recifense “*A Noite*”, ao divulgar no dia 07 de fevereiro de 1930, a manchete “O Morticínio de Montes Claros – Vinte e uma pessoas abatidas a bala – Entre os mortos, conta-se o Dr. Raphael Fleury – O governo federal espera informações do governo mineiro” (JORNAL DE NOTÍCIA, 5 e 6 fev. 2000. p.2). No terceiro bloco, “Chateaubriand resolve colocar água na fogueira” (JORNAL DE NOTÍCIA, 5 e 6 fev. 2000. p.6), traz como memória discursiva as representações construídas por alguns jornais na época do acontecimento e as versões do Dr. João Alves e de Cyro dos Anjos, sobre o mesmo. Memória discursiva que tem por objetivo (des)construir o imaginário existente e impor novas representações, atestadas pela indagação “Dona Tiburtina: um mito ou uma simples dona de casa?” (JORNAL DE NOTÍCIA, 5 e 6 fev. 2000. p.2). Assim, o “*Jornal de Notícias*” comemorava os 70 anos da chamada “Emboscada de Bugres”.

Outro jornal que também representou o acontecimento foi o “*Hoje em Dia*”, ao registrar:

O 6 de fevereiro ficou como data emblemática de violência no norte de Minas, com ênfase naquela cidade, em que desaforo não se leva para casa. Restou também a imagem de Dona Tiburtina, uma mulher cuja atuação se

tornou polêmica, de quem me recordo em seu final de vida.(...) Em torno dela se teceram lendas, muitas das quais não têm a ver com sua postura pessoal. Foi dedicada companheira do marido, no tratamento dos enfermos, com ênfase durante a febre que enlutou tantos lares (...).

Sete décadas transcorridas, motivadas as novas gerações por outras atrações e interesses, ainda se comenta aquela tarde/noite histórica, em que Montes Claros, empório de vasta região brasileira, foi palco dos sangrentos acontecimentos (...).

A maioria dos atores das ruas de Baixo e de Cima também já partiram, cumpriram seu papel, bem ou mal, importa talvez pouco a esta altura. Mas há justificadamente o quê evocar sobre o quê refletir. Os tempos estão sepultados no passado, como muitas pessoas que os cruzaram, mas as memórias estão vividas e resistentes.

Diferentemente de Vargas que deixou a vida para entrar na história, há aqueles que se tornaram símbolos e mitos. Seus nomes são lembrados, discutidos, admirados ou repelidos. Mas eles perderam, porque os mitos não morrem (HOJE EM DIA, 8 fev. 2000, s.p).

Entendemos que o referido jornal construiu novas representações e reafirmou a questão do mito que, até então, só existiu e existe no imaginário social e na tentativa de eternizá-lo, quando resolvem reverenciá-lo com novos enfoques e representações, como foi visto na mencionada citação.

Para fechar o ciclo de comemoração dos 70 anos da chamada “Emboscada de Bugres”, o “*Jornal do Norte*” (JORNAL DO NORTE, 5 e 6 dez. 2000, p. 1) trouxe como manchete “Setenta anos depois”. Nela, o repórter Jorge Tadeu Guimarães reconstituiu o acontecimento, explorando os micropoderes presentes na memória discursiva posterior a ele. A exemplo, registramos: “Dona Tiburtina”; “Dr. João Alves, homenagem eternizada”; Tragédia na praça: 6 de fevereiro de 30”; “Iraci, do comitê de recepção” (JORNAL DO NORTE, 5 e 6 dez. 2000, p. 1). Nota-se que, ao fazer tal reconstituição enfocando os sujeitos presentes na memória discursiva, o referido repórter tencionava reviver no imaginário social a questão dos micropoderes existentes na vida cotidiana de Montes Claros e autenticar na história o “indivíduo comum” que dela participou e nela deixou suas marcas, certificando o que dissera o historiador francês Fustel de Coulanges ainda no século XIX: “Onde o homem passou e deixou marca de sua vida e suas inteligências, aí está a História” (CARDOSO, 1997, p. 401). Assim, as representações de Tiburtina vão sendo incorporadas no imaginário social e tornando portadora de imagem fotográfica, que revela parte da História Local e de seus aspectos político e sociais, que vão se somando aos causos e transformando-a num mito. Um mito distante, distorcido e irreal, daquilo que fez e que participou enquanto sujeito ativo e ícone de mudança na ordem estabelecida, que mereceu o nosso olhar para através dela “(...) perceber realidades mais amplas ou pelo menos estudar problemas históricos ou sociais específicos” (BARROS, 2002, p. 188). O olhar que foi

percebido há meio século atrás pela amiga Angelita ao enfatizar numa correspondência: “Ninguém e muito menos o tempo, conseguirá tirar ou apagar o seu prestígio... o que existe de verdade, ... um dia a história há de ser contada como realmente é, por uma pessoa desapaixonada e aí Minas se penitenciará de sua grande injustiça por quem tanto lutou pela sua grande grandeza e prosperidade e que é esta figura ímpar – D. Tiburtina de Andrade Alves” (FIGUEIREDO, 9 set. 1950).

Fontes

a) Jornais:

A NOITE. Recife, 08 fev. 1930, p. 1.

CANELA, Reivaldo Gabeira. In: JORNAL DE MONTES CLAROS. Montes Claros, 21 fev. 1982.

CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro, 21 abr. 1955.

DIÁRIO DE MINAS. Belo Horizonte, 21 abr. 1955.

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte, 20 abr. 1955.

GAZETA DO NORTE. Montes Claros. 10 ag.1923, p.01.

GAZETA DO NORTE. Montes Claros, [jan. 1930?].

GAZETA DO NORTE. Montes Claros, 4 jan. 1930, p. 1.

GAZETA DO NORTE. Montes Claros, 15 mar. 1930, p.01.

GAZETA DO NORTE. Montes Claros, 22 fev. 1930, p. 1.

HOJE EM DIA. Belo Horizonte, 8 fev. 2000.

JORNAL DO NORTE, 9 e 10 de fevereiro de 1980, p. 2. Caderno 2.

JORNAL DO NORTE. Montes Claros, 2 e 3 jul. 1983.

JORNAL DO NORTE. Montes Claros, 5 e 6 dez. 2000, p. 1.

JORNAL DE MONTES CLAROS. Montes Claros, 21 fev. 1982, p. 4-5.

JORNAL DE MONTES CLAROS. Montes Claros, 21 fev. 1982, p. 1.

JORNAL DE NOTÍCIAS. Montes Claros, 5 e 6 fev. 2000, p.1.

JORNAL DE NOTÍCIAS. Montes Claros, 5 e 6 fev. 2000, p.2.

O DEBATE. Belo Horizonte, 20 abr. 1955.

O ESTADO DE SÃO PAULO. São Paulo, 9 fev. 1930, p.1.

O GLOBO. Rio de Janeiro, 22 fev. 1930.

O JORNAL. Rio de Janeiro, 12 fev. 1930. p. 1.

O PAIZ. Rio de Janeiro, 10 e 11 de fev.1930, p.1.

b) Entrevista

ROSA, Avilmar (Mário) Rosa. Entrevista concedida a Maria de Fátima Gomes Lima do Nascimento. Montes Claros, 17 de julho de 2004.

c) Memorialistas

MAURÍCIO, Milene Antonieta Coutinho. *Emboscada de bugres: Tiburtina e a revolução de 30*. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura / Imprensa Oficial, 1986.

PAVIE, Paulo. *História de Itamarandiba*. Belo Horizonte: UFMG / Imprensa Universitária, 1988.

SILVEIRA, Geraldo Tito. *Tocaia de Bugres*. Montes Claros: Gráfica Polígono, 1985.

VIANNA, Urbino de Sousa. *Monographia do Município de Montes Claros: breves apontamentos históricos, geográficos e descritivos*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1916.

d) Outros

CANELA, Cândido. Depoimento a TEIXEIRA, Luiz. s.d.

CHATEAUBRIAN, Assis. *O pai e o avô de José de Magalhães Pinho*. Araxá; Grande Hotel (Minas Gerais), 1º de junho de 64.

FIGUEIREDO, Angelita. Belo Horizonte, MG 9 set. 1950. (Correspondência)

Referências

BARROS, José D'Assunção. *O Campo Histórico*. Rio de Janeiro: Celta, 2002.

BURKE, Peter. Imagens de indivíduos. In: *Testemunha ocular: História e imagem*. SANTOS, Vera Maria Xavier dos (Trad.). REIS FILHO, Daniel Ararão (Revisão Técnica). Bauru, S.P: EDUSC, 2004.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Domínios da História: ensaios da teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

FACÓ, Rui. O despertar dos pobres do campo. In.: *Cangaceiros e fanáticos: gênese e luta*. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965. p. 59-76.

FALCON, Francisco Calazans. História e representação. In: *Representações contribuição a um debate transdisciplinar*. CARDOSO, Ciro Flamarion. MALERBA, Jurandir (Orgs.) Campinas, S. P.: Papirus, 2000.

LAHUERTA, Milton. Os intelectuais e os anos 20: Moderno, modernista, modernização. In: *A década de 1920 e as origens do Brasil moderno*. DE LORENZO, Helena Carvalho e COSTA, Wilma Peres da (Org.) São Paulo: UNESP, 1997.

MORAIS, Aurino. *Minas na Aliança Liberal e na Revolução de 1930*. Belo Horizonte: Pindorama, 1933. p. 197-8. (Edição fac-similar com prefácio do deputado Bonifácio José Tamm de Andrada. Brasília: Câmara dos Deputados, 1990).

NASCIMENTO, Maria de Fátima Gomes Lima do. *Tiburtina de Andrade Alves: entre as relações de poder e as representações sociais de uma mulher (Montes Claros na primeira metade do século XX)*. 2004. 199 f. Dissertação (mestrado em História) – Universidade Severino Sombra, Vassouras, 2004.

ORLANDI, E. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 4 ed. São Paulo: Pontes, 2002.

PANOFSKY, Erwin. *Estudos de Iconografia: temas humanísticos na arte do renascimento*. 2 ed. Lisboa: Estampa. 1982.

PAULA, Hermes Augusto de. *Montes Claros: sua história sua gente e seus costumes*. Belo Horizonte: Minas Gráfica Editora Ltda. 1979.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In.: *Revista Educação e Realidade*, Porto Alegre, 16(2) : 5-22, jul/dez 1990.

REMOND, René. Do político. In.: *Por uma História Política*. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 1996.